

Educação Infantil e formação de professores/as

Children's Education and teacher's instruction

Por **Elisabete Andrade**

Mestre em Educação nas Ciências (Unijuí)
Professora do SETREM

Resumo:

As dúvidas e inquietações em torno da educação para a docência no espaço-tempo das escolas infantis permeiam o caminho desta pesquisa que é norteada pelos anseios de alguém que se reconhece um sujeito social em permanente processo de educação. Entendo que educação é a forma pela qual o ser humano se constitui agente de transformação social. Porém, qual a importância que os/as professores/as que desenvolvem sua atividade com crianças na faixa etária de zero a seis anos atribuem a sua educação, como conduzem o processo de educação continuada? A experiência docente revelou muitas inquietações na maneira como é pensado o cotidiano das escolas infantis e, em particular, a forma de perceber o professor. Com a realização desta pesquisa, busquei questionar e compreender a maneira como vem sendo pensada a educação de professores/as e o cotidiano de uma escola infantil do município de Três de Maio. Em meio ao cotidiano do fazer educativo, busquei entender, no espaço-tempo da escola infantil, quais as relações de poderes e saberes que orientam a educação continuada e a prática pedagógica do professor/a.

Palavras-chave:

Educação continuada. Infância. Espaço-tempo. Poder-saber.

Muitos caminhos percorridos, outros a percorrer, seguir e aprender. Considero que este seja o sentido da pesquisa apresentada: alguns caminhos, algumas maneiras que revelam escolhas sobre aquilo que penso, desejo e sonho. Percorrer esses caminhos me fez perceber muitas questões que antes não considerava. Não sou mais a mesma pessoa, percebo os acontecimentos, as vivências e experiências de maneira diferente. Indignações e inquietações que causavam tanto “espanto” já não

Abstract:

The doubts and concerns around education to teaching in children's school space-time permeate the way of this research that is guided by the wishes of someone that recognizes a social subject in a permanent education process. I understand that education is the way which the human being constitutes agent of social transformation. However, what is the significance that the teachers who work with children from 0 to 6 years old attribute to their education? How they lead the continuing education? The teaching experience revealed many concerns in the way the children's school daily life is thought and, in particular, how to understand the teacher. With this research I sought to question and understand the way how the teachers education and the daily life of a children's school in Três de Maio city has been thought. Amid the process educational daily life, I sought to understand, the children's school space-time, which relations of power and knowledge guide the continuing education and the teacher's pedagogical practice.

Keywords:

Continuing education. Childhood. Space-time. Power-knowledge.

“irritam” tanto. Antes, pensava que podia mudar o mundo e as pessoas, por isso o fracasso era mais frequente. Um estado de angústias e prazeres passa pelo corpo fazendo acreditar que a aprendizagem e o conhecimento são realmente significativos, quando sentidos e vividos intensamente. Atualmente, as dúvidas e inquietações fazem refletir, pensar em possibilidades de intervir na realidade, de repente não para transformá-la com num “passe de mágica”, mas para compreender,

como ensina Foucault, as “condições e possibilidades” que levam à condução das práticas no cotidiano das instituições responsáveis pela educação das crianças.¹

Esta opção em pesquisar sobre a educação de professores da Educação Infantil deve-se ao fato de acreditar na possibilidade de transformar a prática educativa, vislumbrando uma escola infantil que garanta dignidade tanto para quem educa, quanto para quem é educado. Da experiência como professora da Educação Infantil, surgem muitas inquietações. A temática deste estudo, em especial, culminou no ano de 2005, no projeto de pesquisa para ingressar no Mestrado em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.² Esta perspectiva de pesquisa tem em seu horizonte o objetivo de compreender as relações estabelecidas no contexto escolar e as condições oferecidas para que os/as professores/as possam dar continuidade ao processo de educação para o exercício da docência. O estudo também visa perceber a importância atribuída pelos professores/as à educação e como produzem os espaços-tempos do cotidiano escolar em meio às relações de poder e saber constituidoras de nossas instituições educativas.

De forma, alguma posso afirmar que este tema, ou mesmo minha preocupação, esgota-se nesta pesquisa. Este é o sentido deste trabalho, jamais se esgota, não é algo definido, acabado, dado como estabelecido, mas está em constante processo de construção e (re)construção de parâmetros, análises, reflexões que levam ao encontro de uma possível compreensão da realidade vivida, confrontada com o ideal suscitado por todos que acreditam na educação como uma possibilidade de conhecer o desconhecido, para assim produzir conhecimentos não apenas *sobre*, mas *com* os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Diante de tantos outros estudos preocupados em problematizar o cotidiano das escolas infantis, é o envolvimento dos sujeitos com a pesquisa que torna singular este trabalho. Adentrar esse cotidiano revelou novas perspectivas de reflexões

sobre a temática que venho desenvolvendo, considerando que, ao se deparar com a realidade, o que acontece é um confronto entre a proposta inicial de atividade e a realidade da escola em questão. Meu projeto inicial de mestrado tinha como foco principal a educação continuada de professores. Não diria que essa questão tenha deixado de ser contemplada, mas acabou se diluindo e sendo percebida como mais uma questão em meio a tantas outras vivenciadas na instituição municipal de educação infantil em que convivi durante a realização da pesquisa empírica.

A diversidade cultural permeia o cotidiano escolar e leva a perceber que não há como conceber em nossa sociedade a supremacia de uma cultura ou de uma infância, pois se está imerso em “culturas e infâncias” que possuem perspectivas de vida, de espaço-tempo, muito diferentes uma das outras. Em uma mesma escola convivem crianças advindas de famílias com muitas restrições financeiras, já outras possuem melhores possibilidades de garantir o sustento. Assim como diferem as possibilidades financeiras, os interesses e discursos sobre as necessidades de educação e acesso aos saberes também são diversificados, e foi justamente por isso que o foco do meu trabalho foi aos poucos atingindo outras dimensões que caracterizam melhor as vivências dos sujeitos envolvidos na/com a pesquisa. Essa percepção instiga a novas problematizações e reflexões, tendo em vista que da pesquisa empírica emergem significativas contribuições sobre a estrutura organizacional e a qualidade do ensino dedicado às crianças em idade pré-escolar.³

Os “achados” da pesquisa, ao mesmo tempo em que surpreendem, também levam a perceber como, historicamente, os discursos e as práticas pedagógicas com crianças foram sendo produzidas e reproduzidas nos contextos institucionais.⁴ A criança sempre existiu, porém a concepção de

³ Quando me refiro a crianças em idade pré-escolar, levo em consideração a Lei n. 11.114/05 que estabelece o ingresso das crianças no Ensino Fundamental aos seis anos. A mesma lei, portanto, permite interpretar a escolarização na faixa etária de zero a cinco anos como Educação Infantil.

⁴ A escola, a família e a sociedade como espaços-tempos de vivências das crianças e lugares que constituem e inauguram a concepção de infância na modernidade.

¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.

² UNIJUÍ, localizada no município de Ijuí-RS.

infância, de acordo com Ariès, é recente, teve sua “invenção” na modernidade.⁵ Uma nova maneira de compreender a criança é então inaugurada e a escola desempenha papel fundamental no sentido da afirmação dos direitos da criança à educação, à cultura e à sociabilidade. Os discursos sobre as necessidades das crianças adquirem novas representações de acordo com o tempo social vivido, constituindo uma “vontade de saber” sobre a infância e sobre a maneira de “lidar” com ela. É neste espaço-tempo instigado pelo questionamento que emergem minhas inquietações.

Inquietações que busquei e busco compreender através do problema de pesquisa: no espaço-tempo da escola infantil, quais as relações de poderes e saberes que orientam a educação continuada e a prática pedagógica do(a) professor/a?

Entre outros autores, são destacadas as concepções teóricas de Michel Foucault, Philippe Ariès, Milton Santos, Boaventura de Souza Santos, Manuel Castells, Mario Osorio Marques, Miguel Arroyo, Maurice Tardif e Michel de Certeau, como fundamento e pano de fundo das questões que permeiam a produção e contextualização da pesquisa.

Para descrever a escolha de uma metodologia⁶ que venha a favorecer o entendimento da temática a que me propus desvendar com este trabalho, logo vêm à mente questões anteriores, tão importantes quanto o método: O que levou ao interesse por determinado assunto? Como acabou por tornar-se um problema passível de investigação? Uma palavra poderia resumir ou talvez incitar respostas: “Inquietação” – definida pelo dicionário Aurélio como: “falta de quietação, de sossego; excitação,

inquietação”.⁷ A definição trazida pelo dicionário traduz meu anseio em relação à prática pedagógica e à formação de professores(as) que desenvolvem suas atividades com a Educação Infantil. Inquietações, anseios, desejos de saber e conhecer a realidade para tentar compreender e, de alguma forma, interferir, chamando a atenção de todos os envolvidos e interessados em educação a esta etapa da educação básica, considerada fundamental para o desenvolvimento das crianças.

Considerando que um problema de pesquisa surge justamente dessa vontade de saber e de compreender as relações educativas vivenciadas no cotidiano escolar, aos poucos a problematização foi sendo delimitada. Refletir sobre a educação é pensar nos sujeitos que a constituem e nas relações que estes estabelecem no dia a dia do fazer educativo, é pensar em que condições realizam suas ações e quais sentidos atribuem a elas. Os espaços-tempos de nossas escolas, permeados por relações de poder e de saberes, revelam grandes desafios; um deles é buscar compreender os motivos que levam à tomada de decisões, a agir de determinada forma, a conduzir-se por um caminho em oposição a outro. E assim, revela-se outro desafio: em meio às dificuldades e resistências, continuar e encontrar sentidos para a atividade realizada.

Entre tantas maneiras de pesquisar, optei por uma que favorece a busca de respostas aos questionamentos, enquanto professora. Cabe salientar que as observações e entrevistas foram realizadas com todas as professoras e atendentes da escola. Não delimito a pesquisa a uma turma; fiquei circulando entre elas para buscar compreender como acontecem as relações educativas no contexto desta realidade escolar. Após a aceitação da proposta de trabalho, iniciei as observações no final do mês de outubro, sempre tendo como aliado um diário de campo no qual fazia as devidas anotações para não deixar que algo passasse despercebido. Normalmente, as observações eram realizadas o dia todo (das 8 às 18 horas), quando procurei adentrar o cotidiano para ter a possibilidade de entendê-lo e também vivenciá-lo.

⁵ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

⁶ A metodologia aqui referenciada pode apontar para a possibilidade de um “estudo de caso”, porém, optei por não definir exatamente desta maneira, pensando que poderia revelar certo “fechamento”, o que poderia restringir as análises da realidade que busco problematizar. O empírico aqui retratado foi observado em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Três de Maio, porém, pode vir a revelar “a realidade das escolas infantis brasileiras”.

⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. Verbetes: Inquietação.

Penso ser impossível falar de uma realidade sem ter feito parte dela. É muito fácil julgar atitudes, opiniões e posições das pessoas, porém, quando se conhece e se participa do dia a dia, autoriza-se a falar e a refletir a situação vivenciada durante o tempo em que se faz parte daquela realidade.

Estudando a obra do filósofo e historiador francês Michel Foucault, foi possível perceber o quanto o jogo das relações de poder e saber nos atravessam. Antes de realizar as leituras propostas nas aulas do Mestrado e presenciar as discussões no decorrer de todas as disciplinas, não percebia o quão somos imersos nesses mecanismos de poder. Ingenuidade? Falta de clareza ou experiência? O estudo me levou à construção de um mapa no qual peças foram aos poucos se encaixando e formando o todo, como o jogo de um quebra-cabeça tão simples, porém, tão profundo e marcante. Defender a importância da educação continuada, especialmente na Educação Infantil, não é obra do acaso, mas o interesse surgiu das relações e vivências que em muitos momentos causaram indignação. Como professora, percebo que a pesquisa é um caminho que revela muitas possibilidades de intervenção e transformação da práxis educativa. Quando nos deparamos com uma realidade estranha à nossa, percebemos o quão diferentes somos e como a diversidade permeia o contexto de nossas escolas, cidades, bairros, famílias.

Isso remete a considerar a definição de Tardif que aproxima os saberes dos (as) professores (as) àquilo que denominou de “sincretismo”. Para o autor,

a idéia de base é que esses “saberes” (esquemas, regras hábitos, procedimentos, tipos, categorias, etc) não são inatos, mas produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (família, grupos, amigos, escolas, etc), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social.⁸

O desafio da pesquisa foi justamente adentrar o cotidiano da realidade educativa, a fim de

perceber as relações estabelecidas, os saberes que orientam as atividades das professoras da escola pesquisada, revelando e compreendendo, assim como afirma Tardif, a natureza dos saberes que mobilizam as representações do “saber-fazer” e do “saber-ser” professor(a).⁹ Da mesma forma, compreender a importância atribuída à educação continuada, tendo uma escuta e um olhar atento aos dizeres e fazeres. Isso possibilitou o entendimento de que não apenas um saber, mas saberes culturais perpassam a escola, desde a maneira de tratar a criança, de conviver com as famílias e com as colegas, de pensar a escola, da dedicação que se têm aos estudos. Esses, entre outros fatores, contribuem para pensar a cultura escolar de forma diversa, considerando os sujeitos que a constituem e a fazem existir e persistir dia a dia na educação e no cuidado das crianças, muitas vezes, acreditando no que o grupo convencionou ser “o mais certo”, desconsiderando outras questões que também podem ser importantes para a atividade que realizam. Por isso, conhecer a cultura que permeia o cotidiano educativo revela a possibilidade de vivenciar e problematizar os “encantos” e “desencantos” da realidade escolar.

O caminho percorrido nesta abordagem foi delineado pela concepção de que é impossível falar em ação educativa sem compreender que, nas entrelinhas de todo o sistema educacional, social e da prática pedagógica, existem interesses pessoais do sujeito professor(a) enquanto profissional inserido(a) no mercado de trabalho e também enquanto agente de transformação da sociedade. Nas interações, com colegas, estudantes, comunidade escolar e com a sociedade, o professor não está destituído de poder, porém, ao mesmo tempo em que exerce, também sofre a ação do poder. Nessa perspectiva, Foucault desenvolve a noção de “relações de poder-saber”. Para compreender as interações cotidianas na escola, é preciso levar em consideração que todo processo educativo consiste em um poder decorrente do saber, revelado como algo intrínseco do processo educacional, social e humano.

A arqueologia e a genealogia permearam o caminho investigativo de Foucault. Essa maneira

⁸ TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 71.

⁹ TARDIF, 2005.

particular de conceber os acontecimentos, as indagações de como os discursos foram produzindo sujeitos, verdades, poderes-saberes foi o que interessou para entender os discursos que perpassam a Escola Infantil pesquisada. Foucault buscou na história uma maneira de compreender como o ser humano é construído socialmente e quais as implicações na forma de perceber as instituições educativas. Por quê? Esta palavra incita dúvida. Como? Esta pode indicar um caminho. Onde? O lugar, o espaço e o tempo. Palavras simples, mas que, ao mesmo tempo, revelam muitas possibilidades e inquietações. Que lugar foi instituído e aceito pelos sujeitos que constituem a Escola Infantil em questão? Que sentido tem a palavra formação diante de sua falta? Diante dessa realidade, qual o sentido da educação continuada e no que consiste? Persistem os questionamentos de Foucault: será que sempre foi assim, ou, como tudo começou?

O debate sobre o atendimento a crianças de zero a cinco anos em creches e pré-escolas vem ganhando espaços sociais de reflexões, principalmente no que se refere à formação das pessoas responsáveis pelas crianças no cotidiano das escolas infantis. Esta investigação revela um pouco do que é vivido e pensado sobre a escola infantil em tempos de profundas mudanças na maneira de conceber a infância e o(a) professor(a) que desenvolve sua atividade com esta faixa etária.

Todas essas questões que fazem parte do cotidiano docente são fundamentais e interferem de forma decisiva na educação das crianças. Porém, parece que as teorias não bastam quando penso no cotidiano da escola em que realizei este estudo. Posso chegar naquela realidade escolar e enfatizar essas questões, mas a hipótese mais provável é que não encontrarão sentido em tudo isso e continuarão “reproduzindo” suas práticas, porque é mais fácil e exige menos reflexão sobre a ação; pensar é muito complicado, pois envolve o meu “eu” e aquilo que considero significativo. Esta reflexão envolve também a importância que cada um(a) atribui a sua caminhada enquanto pessoa e profissional e o que fez de sua vida até agora. A maioria já tem um longo tempo realizando a mesma

atividade, sem perspectivas de buscar mais conhecimentos, de aprender.

São muitas as mudanças que vêm ocorrendo ao longo dos tempos, o que exige muita dedicação do(a) professor(a) para manter-se atualizado(a) sobre novas maneiras de fazer o que, muitas vezes, já realiza há anos. Isto é ser professor(a): buscar inovar a prática educativa, aliando anos de experiência com um ideal de qualidade almejado por todos(as) que estão comprometidos(as) com a educação. Do contrário, acontece como na realidade da escola infantil que questiono: busca-se uma justificativa que garanta a permanência no lugar conquistado, nem que para isso seja necessário recorrer à mística, ao transcendental. Muitas vezes, aquilo que não é questionado, é simplesmente aceito, assim como muitas práticas no dia a dia da escola. Parece difícil falar em educação continuada em uma realidade de “falta de formação inicial” para ser professor(a). E o que é ser professor(a) em uma escola infantil? Quais os olhares e quais as relações estabelecidas em uma escola responsável pela educação das crianças? Como, historicamente, este espaço-tempo vem sendo concebido e refletido? Quais saberes-poderes circulam e orientam o fazer pedagógico?

Essas inquietações moveram o processo de construção deste trabalho e são consideradas fundamentais para se chegar a uma possível compreensão dos avanços e, talvez, retrocessos dos discursos sobre a formação de professores, a educação continuada, as relações educativas entre professores(as) e estudantes, enfim, perceber como a escola infantil vem sendo pensada e organizada contextualizando-a com o processo histórico de mudanças que a sociedade vem sofrendo ao longo dos tempos. Essas transformações afetam as escolas infantis e a maneira de conceber a criança. Penso que, no decorrer desta reflexão, essas questões foram problematizadas, levando em consideração que espaços rígidos, fechados, conduzidos por uma disciplina que controla os movimentos e impõe incansáveis regras sem que sejam justificadas e refletidas não condizem (e penso que jamais foram condizentes) com as necessidades educativas das crianças de outros tempos e dos tempos vividos.

Com esta pesquisa, desejo instigar, questionar, levar à reflexão; por isso, não pretendo, esclarecer o papel da teoria, tampouco fazer com que as pessoas mudem de uma hora para outra sua maneira de perceber os acontecimentos. O desejo é incitar a dúvida, que pode (ou não) levar os professores e professoras a questionarem suas práticas. A educação continuada pode ser vista como uma escolha pessoal e, até, uma opção de vida. O “para quê” de tudo isso, só sente quem ousa adentrar este mundo de infinitas possibilidades e interpretações e deixa-se levar por esta “aventura” de percorrer

caminhos conhecidos e/ou desconhecidos. Por isso, neste momento, o objetivo não é “terminar ou concluir” este estudo, mas socializá-lo, torná-lo público e exposto a críticas, o que poderá possibilitar a “continuidade desta aventura”.

[Recebido em: outubro 2009 e
aceito em: novembro 2009]